

XXXIV Encuentro Arquisur.
XIX Congreso: "CIUDADES VULNERABLES. Proyecto o incertidumbre"
La Plata 16, 17 y 18 de septiembre.
Facultad de Arquitectura y Urbanismo – Universidad Nacional de La Plata

OS ATELIÊS DE AÇÃO URBANA
Pequena História de uma Grande Iniciativa

Eixo Temático: EXTENSÃO

Área Temática: PROJETO ARQUITETÔNICO E URBANO

Daniel Juracy Mellado Paz
Professor Assistente
Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia – Brasil
Av. Sete de Setembro, 1451, apt. 803, Campo Grande - CEP 40080-001
danielmelladopaz@hotmail.com
55 71 30187287 / 55 71 91474187

Resumo

Dentro de um rol de atividades de um Encontro Latino-Americano de Estudantes de Arquitetura (ELEA), que contemplam interesses vários e públicos diferentes, a Ação Urbana se destaca como a mais revolucionária. Partia da crença da transformação da realidade física, por meio da mobilização e conhecimento técnico, ainda que em pequena escala. Porém sua verdadeira transformação se operava na própria visão das comunidades e principalmente nos estudantes de Arquitetura, apresentando outra visão do seu ofício. Uma inquietação movia aquela primeira geração internacional de estudantes que gestou os ELEAs: além de se encontrar, precisavam fazer algo juntos. Tal inquietação tomou forma nos Ateliês de Ação Urbana (*Talleres de Acción Urbana*), tendo como meta a *huella construída*. Os estudantes, naquele intenso e fugaz encontro, deixariam um resultado palpável, construído, sobre uma realidade qualquer da cidade-sede. Não é uma *extensão universitária*, porque não é protagonizada por Universidades. É uma *extensão de universitários*, feita exclusivamente por estudantes. Cada edição correspondia a respostas locais, com maior ou menor intensidade, ousadia e eficiência, a um vasto diálogo bi-ocênico que cobria um continente. Um diálogo que transcorreu entre 1995, quando do V ELEA Valparaíso, até 2001, no XI ELEA Montevideo. Essa história é a que se pretende contar.

Palavras-Chave

ATELIÊ; AÇÃO URBANA; INTERVENÇÃO URBANA; ENCONTRO; ESTUDANTES

In memoriam
Paula Abud Maeztu
Darwin Bau
Javier Sanchez, el Pipi

Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.

1. INTRODUÇÃO

Este é um material antigo, que agora vem à luz pública. Nele, se tenta organizar o labor de pelo menos duas gerações de estudantes em torno da idéia da *Ação Urbana* nos Encontros Latino-Americano de Estudantes de Arquitetura, os ELEAs. Compilado, impressiona como as iniciativas se configuram em um vasto e rico diálogo, com conceitos sendo apurados, instrumentos refinados, até atingir a um grau surpreendente de maturidade. Então, esse desenvolvimento cessou. Perdeu a complexidade que havia ganho, e restaram automatismos inerciais, nos anos subseqüentes¹.

Os ELEAs surgem oficialmente em 1990, com o *EnconTRAZO*, em Montevideo. Originalmente pensado como um evento de outra natureza, organizado pelos responsáveis pela revista discente *TRAZO* (*ENCONTRAZO...*, 1990; CEDA, 1996), diante do afluxo de estudantes forçosamente mudou seu perfil, e é hoje reconhecido como o primeiro dos ELEAs. Em alguns anos, se organizaram da seguinte maneira: ocorreriam anualmente, sempre tentando aproveitar a semana do dia 12 de outubro, seguindo um rodízio entre os países partícipes dos Encontros e, depois, da entidade que os articulava, a CoLEA – Coordenadoria Latino-Americana de Estudantes de Arquitetura. Pelo *Encontrazo*, seria o Uruguay o início oficial de cada rodada, cada *ciclo*².

Uma inquietação movia aquela primeira geração internacional de estudantes: além de se encontrar, precisavam fazer algo juntos. Tal inquietação começou a ganhar forma dos Ateliês (*Talleres*), a coluna vertebral do que se seguiria. A segunda rodada, a partir do VI ELEA Montevideo (1996), seria regida por um ciclo geral, e cada edição anual passou a ter um tema específico. O ciclo seria calcado no tema *Huellas sobre una Ciudad Latino-Americana*, e o que se chamaram de Ateliês de Ação Urbana (*Talleres de Acción Urbana - TAUs*) seriam responsáveis pela meta da *huella construída*: os estudantes, naquele intenso e fugaz encontro, deixariam um resultado palpável, construído, sobre uma realidade qualquer da cidade-sede.

Dentro de um rol de atividades de um ELEA, que contemplam interesses vários e públicos diferentes, a Ação Urbana se destacou como a mais revolucionária. Seu poder transformador sobre a realidade, ainda que em pequena escala, seria um teste para a mobilização e o conhecimento técnico. Porém sua verdadeira transformação se operava na própria visão dos estudantes de Arquitetura, em uma radical inversão daquilo que se apresentava da cidade-sede aos visitantes. Ao invés de obras exemplares, as mazelas urbanas. Ali lhes era apresentada outra visão do seu ofício, nem sempre atendida dentro das Faculdades. Não é uma *extensão universitária*, porque não é protagonizada por Universidades. É uma *extensão de universitários*, feita exclusivamente por estudantes. O protagonismo lhes pertencia. Havia alguma consultoria; mais de ex-estudantes, arquitetos formados, egressos do Movimento Estudantil, do que de professores. Mas o cerne e o impulso vinham de estudantes.

Havia os meios garantir a continuidade da organização dos ELEAs³. Sobretudo, havia a continuidade dos estudantes. De fato, as edições correspondiam a respostas locais, com maior ou menor intensidade, ousadia e eficiência, a um vasto diálogo bioceânico que cobria um continente.

Evidentemente, não existem fontes bibliográficas convencionais. Existem documentos, dispersos por todo um continente em Centros de Estudantes⁴ e acervos pessoais, além de arquivos digitais, muitos deles irremediavelmente perdidos⁵. Como testemunha direta de parte dessa história, como participante de quase todos os eventos mencionados e mesmo como um breve protagonista, em uma das edições, tive a experiência imediata. Além de depoimentos, parte daqueles arquivos digitais, laboriosamente coletados; os documentos

oficiais dos eventos, como peças publicitárias, e as raras publicações para um público maior. Aqui, no magma da história por se fazer, ainda estamos na fase da consolidação do relato oral, e das nebulosas memórias, no documento escrito. Muita coisa falta ainda resgatar.

Contudo, como Heródoto de Halicarnasso, gostaria ao máximo de evitar que aquele audaz empreendimento se apague com o tempo. Daí a decisão de publicar isto, preferindo o risco da injustiça com os seus verdadeiros protagonistas, ao risco do completo olvido.

2. PREDECESSORES: o V ELEM Valparaíso (1995)

No V ELEM Valparaíso, que ao contrário dos demais tardou dois anos para ser gestado, com o tema *Develar Virtudes, Construir América*, encontramos a base para os passos posteriores. Pois o evento se organizava em torno do Jogo dos Ateliês (*Juego de los Talleres*) (COMISIÓN..., 1995; MAEZTU *et al*, 1995). Neles, temos a concepção do trabalho em equipe, envolvendo todos os participantes do evento, arremessados à cidade, em um percurso, dia após dia, que permitira a compreensão da cidade, e em um jogo a ser integrado em outra escala, coletiva. Reconhecemos nos Ateliês uma variação dos tradicionais *workshops* de projeto, transformando porém o conjunto do evento nesse envolvimento coletivo e urbano.

Cada um dos 5 dias dedicados ao Ateliê era uma etapa definida. Os objetivos básicos do Jogo: o contato pessoal (em uma *tecnologia do encontrar-se*), estimulando que fossem de Escolas e países diferentes; o reconhecimento do território visitado, transformando-o em suas várias escalas em matéria-prima de estudo; a revelação dos processos projetuais de cada estudante e suas Escolas de origem na criação coletiva.

As equipes eram grupos de 50 pessoas cada – uma Confraria, como se chamou -, estável ao longo do Jogo. A Confraria carregava uma prancheta gigante, com papel em quantidade suficiente para registrar as discussões, observações e propostas arquitetônicas. Essa prancheta – o Cofre – conduzia-se até o final, para ser depois exposto aos demais estudantes, ao jurado e à população da cidade. Cada dia envolveu uma *escala de trabalho* diferente: o corpo, o edifício, a cidade, e o continente. No quinto dia, a exposição, e o trabalho do projeto e montagem da mesma. Ademais, as escalas cresciam à medida que se percorria a topografia singular de Valparaíso, em um contato com o Oceano Pacífico: a escala do corpo se realizou na área superior da cidade; a escala do edifício, na região dos morros; a escala urbana foi na zona plana da cidade, e a escala do continente em lugares relacionados com a orla marítima e a vista longínqua do oceano. Havia ainda uma progressão numérica do contato: o estudante participava de grupos crescentes, até o contato total com sua Confraria, ganhando intimidade com os colegas, e estabelecendo relações de confiança⁶. Assim, no primeiro dia os grupos eram de três pessoas; no segundo, de sete pessoas; no terceiro, de 15; no quarto, com cerca de 30 pessoas; e no último, com a Confraria completa.

As formas de interação humana, apoiadas fortemente em *dinâmicas de grupo*; a estrutura da atividade como um Jogo; sua distribuição pela cidade; foram elementos herdados, de uma maneira ou de outra, no que seria a Ação Urbana.

Ao cabo deste evento que se estabeleceu que até então até aquela quinta edição, o que se fizera fora *develar virtudes*. As etapas seguintes seriam *construir América* (MAEZTU *et al*, 1995).

Duas informações estarão ausentes de agora em diante. Uma sobre o processo mais preciso, fino, de operação: métodos, logística de material, organização. Seria ocioso aqui. Com isso, tópico fundamental para os Ateliês, que não poderá ser aprofundado aqui, está no papel dos *Monitores* na sua condução; de estudantes de todos os países absorvidos na organização do evento, treinados metodologicamente na orientação dos colegas durante a atividade.

O segundo é ainda mais complicado: a *eficiência* da atividade. Por um lado, passa pelo *envolvimento* dos estudantes. Ou seja, quantos estudantes efetivamente participaram em cada edição; se se mantiveram até o final ou se houve o esvaziamento habitual e em que intensidade; o resultado material e sua qualidade. Embora a participação dos estudantes seja uma resposta importante na história da atividade, é um dado impreciso a ser resgatado, sem fontes confiáveis, mesmo para os Organizadores de cada edição do evento, e foge um tanto ao escopo pretendido. Por outro lado, envolve o *resultado* final, concreto, sujeito a questões tão diversas como escassez de recursos, atrasos de material, problemas na condução da atividade, falta de pessoas, entre outras coisas. Igualmente os dados são incertos.

3. O CICLO 1996-2000: *Huellas sobre una Ciudad Latinoamericana*

3.1. 1996 - VI ELEA Montevideo, Uruguay

Aqui se estabeleceu o tema geral do ciclo – *Huellas sobre una Ciudad Latinoamericana* –, tendo como tema específico *Montevideo: Una Mano Abierta*.

Nesta primeira elaboração da *huella construída*, os temas da edição e do ciclo se entrelaçam, até por serem formulados em conjunto. De entrada, a meta de construir algo coletivamente apresentava uma série de desafios operacionais que seriam constantes.

O método seria não apenas de projeto, mas de intervenção construída. Assim, aparecia o dilema dos materiais – eles deveriam ser prévios, dados. Ainda por cima, dentro do orçamento do evento. Orçamento que se esvai com toda a infra-estrutura do habitar (alojamento, refeitório, transporte, higiene, segurança). Ademais, de fácil manejo e execução, que todos pudessem manusear (não haveria mão-de-obra especializada, artesãos e operários fazendo para os alunos; *eles mesmos* deveriam fazer) e se consolidar ao cabo da jornada. Isso implicaria, nos tempos de projeto e no método a ser empregado.

Outra questão estava nos lugares da cidade. Como vimos, em Valparaíso dominou uma reflexão geográfica⁷. Em 1996 essa decisão se resolveu com a bela metáfora da *Mão Aberta*. Em primeiro lugar, já que a Ação Urbana se plasmava em *huellas*, nada mais natural que fossem *huellas digitales* – ambivalência intraduzível para o português, já que *huella* (pegada, rastro) é aqui tanto a impressão digital, como a marca que se queria obter com a Ação Urbana. Ainda era a mão aberta que recebia os visitantes, de maneira generosa. O critério de escolha dos sítios de intervenção era a reprodução simbólica de uma mão sobre a planta de Montevideo: os cinco dedos corresponderiam aos cinco vetores de expansão da cidade, e o nome de cada sítio era precedido pelo nome correspondente ao dedo (Polegar, Indicador, Médio, Anular e Mindinho) - e veremos que essa experiência da metropolização teria uma recorrência entre os estudantes uruguayos⁸. Quanto mais os ELEAs lidassem com grupos humanos reais, com comunidades, mais difícil seria um esquema abstrato *a priori* reger essa relação: na maioria dos eventos os pontos de ação teriam uma feição mais arbitrária, menos coerente tematicamente, já que dada por negociações locais. A atividade durou quatro dias: o primeiro para reconhecimento da localidade; o segundo destinado ao projeto; os outros dois para a construção e a entrega. Havia a distinção entre o que

chamaram de *atividade seriada simples* e a *atividade complexa*, que exigia a pré-fabricação em pequena escala (CEDA, 1996).

Uma bela estratégia para a tecnologia do encontrar-se estava nos crachás, que todos portavam. Cada estudante recebia, impresso no crachá, o lugar de um dos Ateliês. Evidentemente não poderia ser compulsório. Mas na psicologia de massas que se esboça em um evento dessas proporções (foram 3.000 estudantes nessa edição), serve como um poderoso empurrão. E os lugares foram distribuídos de tal jeito a pulverizar as delegações da mesma Escola, e criar mosaicos, equipes de gente de todos os países. Esse procedimento incorporou-se como um patrimônio operacional dos ELEAs.

3.2. 1997 - VII ELEA Asunción, Paraguay

Com o tema *Yvy Marane'y Rekavó – En Busca de La Tierra Sin Mal*, esta edição, por problemas de atraso na sua concepção, acabou por repetir muito do formato da edição anterior, do VI ELEA, na medida em que houve a generosa transferência de *know-how* efetivada pelos veteranos platinos. Aspectos da forte presença guarani na cultura paraguaia se manifestaram nos nomes dos lugares e o espírito de sua atividade, sempre vazados nesse idioma. Sem, entretanto, implicarem em diferença significativa do *modus operandi*.

Relevante fora a incorporação, ainda que marginal, de um Ateliê Conceitual (*Taller Conceptual*) que consistia na elaboração das diretrizes de um plano-diretor para a cidade de Aregua (cidade-satélite de Asunción).

Houve a escolha intencional de sítios em cidades periféricas porque nelas a recepção seria melhor aos projetos da Comissão Organizadora e aos estudantes e seu trabalho durante o ELEA, e porque o benefício seria mais concreto, visto se tratarem de cidades carentes.

3.3. 1998 - VIII ELEA La Plata, Argentina

Igualmente aqui houve pouco avanço conceitual e metodológico⁹. Com o tema *Despertar América para construir un futuro mejor con el espíritu de la Reforma Universitaria*, a Organização voltara-se mais para o debate interno, na Universidad Nacional de La Plata e no país, comemorando os 80 anos da Reforma Universitária, evento central na história acadêmica argentina. Daí terem eleito como “ferramentas” metodológicas a *extensão*, a *investigação* e a *teoria*.

Algo interessante foi o uso da cidade como uma espécie de espelho do continente. Foram escolhidos temas que abrangiam a totalidade dos problemas contemporâneos. As áreas selecionadas eram representativas da cidade e destas mesmas questões. Os dois primeiros dias eram para a investigação local. No terceiro dia todos se reuniram, onde cada grupo de trabalho estaria assim compondo uma imagem integral de La Plata: o tamanho pequeno da cidade permitia a validade teórica desta proposta. Esta foi odéia original que nunca mais se repetiu. O quarto e o quinto dia seriam de intervenção e o sexto, e último, reservado para a conclusão e exposição (COMISIÓN..., 1998). Ao todo, observe-se, mais dias destinados aos Ateliês do que o usual.

3.4. 1999 - IX ELEA Salvador, Brasil¹⁰

Dentro da idéia da *huella construída*, a materialidade se firmara como uma exigência, não sem suas dificuldades: em termos de custo, tempo disponível, qualidade da execução, escala e tipo da intervenção, relação com os beneficiados, etc. Nesta edição se entendeu que a materialização, e não a solidez da construção, era o mote. Dando, por um lado, o

senso de objetivo concreto aos estudantes envolvidos. E implicando no abandono completo de todas as propostas que culminassem com um croqui, ou um projeto desenhado. A saída foi o pensamento em termos de mídias, da comunicação da arquitetura, e de sua materialidade. Daí que se chamou de Imagem a todo veículo de comunicação da Arquitetura, incluindo o espaço construído.

Assim, os Ateliês seriam a manifestação urbana na Cidade-Sede da Cidade do ELEA – conceito antes difuso e agora expresso, tanto na comunicação oficial como na organização física do evento, sediado no Parque de Exposições Agropecuárias da cidade¹¹. A metáfora da Cidade Encontro (sem a preposição inicial) e suas variantes vingaria pelos anos seguintes não apenas nos ELEAs, como também nos eventos brasileiros de estudantes.

A partir do tema *Memória da América, Cruzeiro para o Sul*, as várias faces da memória urbana e arquitetônica seriam trabalhadas nas seguintes Imagens:: Largo, Fachada, Cenografia & Modelo, Retratos & Vozes. Cada meio se adequava às possibilidades do local. Além disso, a oferta de perfis diferentes visava absorver mais de um perfil de interesse dos estudantes, indo do teórico, passando ao projetual, chegando ao prático/social. *Largo* é o termo empregado na tradição luso-brasileira para as praças, em especial aquelas defronte às igrejas. Seria, portanto, o projeto e execução de pavimentação e mobiliário de uma praça. Na *Fachada*, se teria a fachada de residências como espaço de trabalho. Com *Cenografia & Modelo*, se pretendia operar em áreas de Patrimônio Histórico, nos seus espaços urbanos e quarteirões, realizando maquete física e uma cenografia que demonstrasse a intervenção hipotética. Com *Retratos & Vozes*, se tratava de um registro fotográfico e oral, do cotidiano e da vida dos moradores do lugar, muito inspirado nos Museus de Rua que se faziam em São Paulo. Consistia em elaborar tais registros em totens, deixados nas próprias comunidades onde se deu o trabalho. As fotos eram tanto realizadas no local – lembremos que não havia ainda câmera digital a preço acessível então –, como também podiam contar-se com fotos e cópias das mesmas dos moradores que acaso resolvessem ceder. Enfatizamos esta última porque a ela acorreram muitos participantes, fascinados por essa iniciação etnográfica, e porque foi desdobrada nas edições seguintes.

Havia se consolidado uma estrutura de programação nos eventos. Em geral, dedicando o turno vespertino de 4 a 5 dias para o trabalho dos Ateliês. Nunca se cogitara mais de um turno por conta do cansaço dos participantes. Também deveriam ser ininterruptos os dias. Aplicou-se um método que vinha sendo desenvolvida por anos pelo Instituto Elos, no Brasil, que é o de compreender a aproximação e ação do agente no meio em quatro etapas distintas: percepção, informação, projeção e ação. Percepção e informação dariam conta do primeiro dia; o projeto, do segundo; a concretização, dos demais.

3.5. 2000 - X ELEA Concepción, Chile

Com o tema *Surcos en el Territorio*, esta edição dividiu os Ateliês em três: Materialização, Idéias & Projetos, e Registro.

A *Materialização* corresponderia àquele tronco principal dos Ateliês, com a *huella construída*. No entanto, há um salto importante: assume-se que não haveria conclusão no tempo do evento. Pensando a partir de espaços públicos, o Ateliê daria as bases projetuais para a construção futura do lugar, fomentando uma relação entre as Escolas de Arquitetura do local, as comunidades abrangidas, as empresas privadas e os poderes públicos. A óbvia implicação é que o evento deixa de ser um aglutinador momentâneo de estudantes, que convergem seus esforços para algo com um fim muito bem determinado, para ser um compromisso de médio prazo dos estudantes locais. Com isso, o tempo dedicado à relação com as comunidades, e sua participação no projeto, era maior, e podia ser melhor

desenvolvido. O intuito era deixar uma *semente*, como assumido de maneira expressa (COMISIÓN..., 2000).

Com *Idéias e Projetos*, retorna o espaço projetual mais especulativo, pensando na escala urbana e sua relação com a geografia física – abordagem presente já na edição anterior no Chile, de 1995.

Uma outra novidade estava no *Registro*, desenvolvido a partir da idéia dos Retratos & Vozes da edição passada. Tratava-se de captar por qualquer meio perceptivo (gráfico, fotográfico, audiovisual) ou interpretativo (poesia, conto, ensaio) a realidade metropolitana do lugar, com o intuito de preservar sua memória social e urbana.

4. APOGEU: o XI ELEA Montevideo (2001)

Después de las huellas, qué?
Ricardo “El Negro” Pereira Leal¹²

Sem avançar com muita clareza no que deveria ser um novo ciclo e, portanto, um novo tema, esta edição aprofundou – a chegou a um ápice, em termos de método e *know-how* – o que estava sendo gestado nos anos anteriores, a partir do tema *Migraciones Urbanas, Corredores Humanos*. Nesta edição a Ação Urbana estava fixada em três premissas: o Projeto ELEA, que transcenderia, antes e depois no tempo, o evento ELEA; a *Interdisciplinaridade*, necessária para uma ação urbana de envergadura; as *Migrações Urbanas* na cidade de Montevideo.

O Projeto ELEA parece ser uma exposição mais lúcida da semente, do que implicava o Ateliê de Materialização do ano anterior e seus compromissos correspondentes. O Encontro passava a ser visto como a instância latino-americana e plural da ação nas comunidades. Mas o Projeto ELEA estava dividido em uma etapa pré-ELEA, o ELEA propriamente dito, e uma continuidade, visto que o processo de ação na comunidade não poderia ser executado com a intensidade necessária somente na semana do evento. Essa concepção redundou em dois conceitos: a) na importância da motivação dos estudantes, e no seu envolvimento com as comunidades, no período anterior ao Encontro, para serem os agentes da ação no pós-Encontro; b) a não-obrigatoriedade da materialização do projeto no ELEA, ou mesmo da conclusão de um projeto – mais valia a qualidade do levantamento do que a construção imediata¹³, visto que esta poderia ser complementada no pós-Encontro. A consequência destes conceitos foi a realização de um Seminário de Monitores, algumas semanas antes do ELEA, onde se impulsionou de fato os Ateliês de Ação Urbana. Se ao longo das experiências dos ELEAs volta e meia retornava o projeto a não se realizar, e em um caso (talvez não por acidente no Chile, vide a edição de 1995), a pura experiência especulativa; a concepção do Projeto ELEA integrava a demanda por um projeto mais cuidadoso dentro de seu arcabouço.

Outro conceito empregado foi o de que a Ação Urbana requeria o instrumental de outras disciplinas. Foram convidados, por meio de sua representação estudantil, discentes de Antropologia, Economia, Psicologia e Sociologia para comporem a Comissão Organizadora¹⁴. Aceitaram os estudantes de Antropologia e Psicologia, contribuindo com textos e metodologia, e operando até o fim como Comissão Organizadora.

Análogo à edição de 1996 na mesma cidade, sentindo os efeitos da expansão horizontal da cidade, dado o baixo gabarito, e os efeitos metropolitanos subseqüentes (como o movimento pendular, bairros-dormitório, etc.), os sítios de trabalho se alinhavam ao longo dos

corredores de expansão da cidade. Por sua vez, a atuação se daria em três escalas: Ponto, Linha e Mancha (COMISIÓN..., 2001)¹⁵. O Ponto seria a ação pontual, a Mancha seria a ação na escala do bairro e a Linha corresponderia à ação na escala do corredor.

5. CONCLUSÃO

Mas essa experiência findou. Ou, ao menos, perdeu o ímpeto inicial, e a escalada evolutiva que vinha apresentando. Não é mais a coluna vertebral dos eventos¹⁶.

O que foi exposto aqui foi a experiência dentro dos Encontros Latino-Americanos no período de 1995 a 2001. O que não se pode perder de vista é que esta se deu em um âmbito maior. Por estudantes que, participando da edição internacional do evento, foram estimulados a organizar um evento regional com aquelas idéias. Por veteranos que agiam como consultores informais de novatos a organizar um evento de tremenda complexidade. Por amigos que dialogavam, com palavras e atos.

Contemporâneo ao V ELEA Valparaíso (1995) foi o XIX ENEA Santos (SP) que, com o tema *Arquitetura do Lado de Fora*, não apenas lidava a visão exterior do ofício arquitetônico, como era pensado em contato direto com a realidade múltipla da urbe¹⁷. Não foi coincidência: havia diálogo, e mesmo amizade que durou por anos a fio, entre membros da Organização dos dois eventos. O importante é que, de uma maneira ou de outra, os estudantes conversavam. Ainda que por telefonemas, fax-símile, cartas.

Joga um papel importante, por exemplo, outros estudantes, alguns envolvidos no Movimento de Área brasileiro, responsáveis pelo Grupo Reviver¹⁸, então o melhor sucedido EMAU - Escritório Modelo em Arquitetura e Urbanismo em atuação no Brasil, com a obra mais expressiva realizada (o Museu de Pesca em Santos – SP). Eram não apenas inspiração e luminar para uma geração de estudantes no que diz respeito a essa modalidade de extensão, como também estavam na vanguarda desse perfil de atividade, da Ação Urbana em comunidades carentes. Assim como era um espelho importante, dentro do Brasil, os Encontros Regionais de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo, os EREAs, que ocorriam no estado de São Paulo, que reverberavam essa ânsia de materializar os projetos¹⁹.

Porém, se houve um mútuo reforço de algumas gerações sucessivas, em dado momento perdeu seu impulso original, e não pôde lidar com os desafios inerentes à proposta, tal como aparecera com toda a clareza em Montevideo, em 2001²⁰.

Como dito, a Ação Urbana, no Movimento de Área de Arquitetura do Brasil e Cone Sul, nascera em boa parte pela frustração com a natureza discursiva da política estudantil, com suas moções e manifestos. Insuflados pelo ambientalismo em voga, buscava-se pensar globalmente, e agir localmente, movidos por um grande senso de urgência. Esse *ativismo*, sem a conotação político-partidária anterior, e atraindo assim um espectro maior de estudantes, convergia então por afinidade espiritual e viabilidade efetiva, dentro da limitação de tempo e custos dos eventos, com a *arquitetura descalça*, de recursos mais locais, mais modestos, fortemente empirista²¹.

O movimento estudantil não escapava aos ventos da época. Se os ELEAs são contemporâneos ao Mercosul (que é de 1991), também o avanço rumo à interdisciplinaridade, como o contato com a realidade da pobreza urbana latino-americana e a crescente cautela no seu trato, são ecos de desenvolvimentos internacionais. Não têm os estudantes o privilégio da inovação, embora isso não queira dizer que o ambiente de suas Escolas fizesse jus aos seus anseios.

O que traz um dilema que tem sua responsabilidade na dissolução da Ação Urbana: o compromisso com as comunidades envolvidas. Na medida em que se torna claro que o tempo do evento não basta para uma ação relevante, e que se torna explícita a necessidade de engajamento dos estudantes por um tempo maior que o da montagem do evento; um tempo indefinido até em sua extensão. Nesse momento, a tensão da responsabilidade, assim desnudada, torna-se insustentável. Se não é fácil arregimentar gente para o extenuante voluntariado que é a organização de um evento dessa magnitude – que alcançou no XIX ELEA Brasília (2010) a cifra recorde de 5.000 estudantes – o que dirá com o compromisso que um Projeto ELEA, de médio e longo prazo, implica.

Porque, de fato, os resultados imediatos foram, invariavelmente, pífios. Acredito que os resultados nunca seriam imediatos. Qualquer resultado mais efetivo só poderia ser mensurado pelo envolvimento a médio prazo de estudantes, depois profissionais arquitetos, em uma ação mais continuada. Era a semente, proposta poeticamente pelos estudantes chilenos em 2001.

Quem vê o belo projeto da Mafra Arquitetos Associados para o Instituto de Arte no Dique, o Armazém Cultural da Escola Popular de Arte e Cultura Plínio Marcos (2011-12), no Dique da Vila Gilda, mal pode suspeitar da história de 20 anos ou mais que existe ali, da plêiade de pessoas que se envolveram, e da inteligência, carinho e tenacidade de um punhado de arquitetos por todos esses anos.

O problema na iniciativa dos estudantes, na sua eficiência, em etapa tão prematura da vida adulta, não é tão diferente da do professor: é saber o que virará. Não está em nossas mãos saber o que será. Apenas fazer o melhor possível.

A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação – porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.

Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

Referências Bibliográficas

CEDA (1996). *Revista TRAZO* edição especial, out 1996. Montevideo: CEDA - Centro de Estudiantes de Arquitectura.

Comisión Organizadora del V ELEA (1995). *Proyecto V Encuentro Latinoamericano de Estudiantes de Arquitectura del Cono Sur*. Valparaíso, Chile: Comisión Organizadora del V ELEA.

Comisión Organizadora del VIII ELEA La Plata (1998). *VIII ELEA La Plata. 1998. Argentina*. [caderno do participante]. La Plata, Argentina: Comisión Organizadora del VIII ELEA La Plata.

Comisión Organizadora del X ELEA (2000). *X ELEA Chile 2000 Concepción*. Cuaderno del Participante. Concepción, Chile: Comisión Organizadora del X ELEA.

Comisión Organizadora XI ELEA (2001). *XI E.L.E.A. Montevideo Uruguay Migraciones urbanas, corredores humanos*. [caderno do participante]. Montevideo, Uruguay: Comisión Organizadora XI ELEA/ CEDA.

COM.ORG ELEA 2005 (2005). *XIV ELEA – Encontro Latino Americano de Estudantes de Arquitetura São Luís Brasil 2005* [caderno do participante]. São Luís, Brasil: COM.ORG. ELEA 2005.

Encontrazo. Primer Encuentro Latinoamericano de Estudiantes de Arquitectura (1990). Montevideo, set 1990. Montevideo: CEDA.

MAEZTU, Paula Abud; GALEGUILLLOS, Angela Escobar; URIBE, Manuel Suazo (org) (1995). *Sobre la Construcción de una Idea – Libro del V Encuentro Latinoamericano*. Valparaíso, Chile: Comisión Organizadora del V ELEA.

¹ Se isso foi retomado nos últimos anos, não tenho ciência. No entanto, no âmbito brasileiro, nada mais repercute do que se apresentará a seguir.

² O ciclo seguia a ordem: Uruguay, Paraguay, Argentina, Brasil e Chile.

³ A elaboração conjunta dos ELEAs se dá nas reuniões da CoLEA - Coordenadoria Latino-Americana de Estudantes de Arquitetura, formada pelos delegados das Representações Nacionais dos estudantes locais de Arquitetura e Urbanismo. Em cada país e edição uma Comissão Organizadora assume a tarefa de conceber com mais detalhes o evento e realizá-lo. A CoLEA foi criada durante o III ELEA Cordoba, em 1992 (MAEZTU et al, 1995; CEDA, 1996).

⁴ No Brasil chamados de *Centros Acadêmicos (CAs)* ou *Diretórios Acadêmicos (DAs)*.

⁵ E os documentos escritos, com raríssimas exceções, se enquadram no que se poderia chamar de bibliografia.

⁶ As dinâmicas de grupo, que seriam tão características do ELEA e do Movimento Estudantil de Área no Brasil, aqui serviam para facilitar essa relação entre os estudantes. Este é um tópico metodológico importante que não poderá ser abordado com a devida profundidade aqui.

⁷ Durante um dado período, cada nacionalidade orbitava em torno de certos temas. Por motivos óbvios, a geografia física era um aspecto central entre os chilenos, manifestos nos temas de seus ELEAs. Como era a política, inclusive em suas tintas partidárias, na Argentina. A cultura e identidade, no Brasil. O legado guarani para os paraguayos. Tal presença se manifestava nos temas das edições respectivas.

⁸ Não descartamos ainda a idéia da mão aberta da tradição corbusiana.

⁹ E dificuldades de negociação com os demais integrantes da CoLEA. Curiosamente, a meu ver, por questões igualmente culturais: no caso, a forte presença político-partidária nos grêmios das Universidades, em um grau inusual nos países vizinhos. Essa distância acarretou a falta de diálogo e, após concluído o evento, a completa ausência, dos Organizadores nos debates posteriores. Com isso, a perda do rico intercâmbio de experiências que propiciaria o salto para um patamar mais elaborado nos Ateliês. Os veteranos das edições anteriores (1996 e 1997) ainda freqüentavam. Mas deve ser entendido este ano de 1998 como uma espécie de lapso geracional.

¹⁰ Chamado pelos não-brasileiros de ELEA Bahia. Historicamente, e pelo mundo afora, a cidade é conhecida como Bahia, o nome do Estado.

¹¹ Documentos internos da organização do VI ELEA Montevideo (1996) dão conta ao que chamavam de *Encontrópolis*: da concentração das instalações físicas do evento em uma mesma área, no caso, a Rural do Prado. Inspirado no IV ELEA São Paulo (1993) que, por sua vez, era uma espécie de versão ampliada dos Encontros Nacionais de Estudantes, aplicando todo o *know-how* desenvolvido por vários anos na sua realização. O que reforça a hipótese do diálogo internacional e intergeracional.

¹² Pergunta que se fazia o estudante uruguayo, quando do término do ciclo 1996-2000, durante a difícil – e a meu ver incompleta – gestação do ciclo seguinte. Sintetizava todo o dilema então.

¹³ Ainda que houvesse uma certa pressão vinda dos Participantes, em algumas comunidades, pela materialização a qualquer custo.

¹⁴ Naquela época o Uruguay concentrava o grosso do seu ensino superior em uma única instituição, a *Universidad de la República*, fazendo com que o contato entre os Centros Acadêmicos significasse o contato com a representação da quase totalidade de sua classe.

¹⁵ Podemos creditar a esse raciocínio a fortíssima tradição pedagógica da Facultad de Arquitectura da Universidad de la República. Os elementos compositivos de desenho, e mesmo o “trazo”, são muito valorizados nas cadeiras de Projeto Arquitetônico e Urbanístico. *Trazo*, por sinal, é o nome da revista de Arquitetura feita por estudantes daquela mesma Escola.

¹⁶ Um exemplo está no XIV ELEA São Luís (2005), onde os Ateliês de Ação Urbana convivem com outros, como o *Ateliê Conceitual*, o *Ateliê Solidário* e o *Ateliê Projetual*, com apenas 2 horas reservadas por dia, em 4 dias consecutivos (COM.ORG ELEA 2005).

¹⁷ Nesse momento, os Encontros de Estudantes no Brasil seguiam uma dinâmica dos chamados *Encontros de Área*: eventos setoriais de estudantes por curso (Administração, Agronomia, etc.). Eram muito similares em formato, e mesmo em data, geralmente no meio do ano. Havia uma tradição já um tanto consolidada, e o evento em Santos é uma resposta, e uma tentativa, de mudar eventos de perfil político e auto-centrados.

¹⁸ Destaco os nomes, correndo o risco de ser injusto, do já então arquiteto Edgar Gouveia Jr., e dos seus companheiros: Rodrigo Rubido Alonso, Natasha Mendes Gabriel e Mariana Gauche Motta. Com quem não tenho contato há tempos, mas que tive a felicidade de conhecer, e de quem ainda guardo boas recordações.

¹⁹ Um exemplo dessa atuação e diálogo foi o papel fundamental de Alexandre Esteves, o Alê, então aluno da Universidade Católica de Santos, em transferir o *know-how* logístico e metodológico aos Organizadores do IX

ELEA Salvador (1999), que havia sido adquirido pela experiência dos EREAs paulistanos (em especial a experiência do XIV EREA Campinas, em 1998) e da primeira edição da Universidade Aberta de Verão, em 1999, realizado pelo Instituto Elos (formado pela mesma trupe do Grupo Reviver), com a colaboração de veteranos da organização dos ELEAs. O método empregado, como dito no texto, é tributário do que vinham desenvolvendo fazia anos.

²⁰ Vale a pena registrar que o debate mais profícuo no Brasil se deu na organização dos Encontros Regionais em São Paulo. Na esfera nacional, ensaiou-se algo no XXII ENEA Rio de Janeiro, em 1998, fortemente influenciado pelos ELEAs. A sua proposta talvez tenha sido a mais ousada, e complexa, dos eventos nacionais até os dias de hoje, mergulhando absolutamente na cidade. No entanto, problemas de logística fizeram com que o arquipélago se esfacelasse, e a experiência não fertilizasse as edições subseqüentes, que cada vez mais se enquistaram em um núcleo físico e uma zona de conforto metodológica.

²¹ E não é acidente que dois de seus maiores proponentes no Brasil, os arquitetos Johan van Lengen e Valdo Felinto, então parceiros no TIBÁ - Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura, fossem presença constante nos Encontros de estudantes e mesmo na capacitação dos membros do Movimento de Área.